

E, de repente, um susto maior

– É uma cobra-papagaio... muito venenosa – diz Tawé.

E, de repente, um susto maior: remando encostadinho na margem, os índios encontram uma pequena abertura entre a muralha de troncos, cipós, plantas e árvores que se entrelaçam uns com os outros; descobrem na malha verde, aparente divisa entre a água e a terra, um espaço suficiente para o tamanho da canoa, uma estreita brecha e, estupefatos e assustados, os vemos fazerem o barco se adentrar por ela. E então nos agachamos, nos apertamos, nos encolhemos para cabermos... e entramos, deixamos o rio e penetramos selva adentro; quem invade a mata, agora, somos nós. E não se trata de um igarapé, não é um braço do Cururu ou qualquer coisa semelhante e navegável: é tão só e simplesmente a própria floresta submersa, que eles chamam de varadouro – é o rio dentro da mata. Dentro, tudo, tudo novo e estranho: um mundo aquático tentando engolir, encobrir, afogar a floresta – e conseguindo-o, em parte. Navegamos à altura das copas das árvores mais pequeninas – por isso tanta folhagem, tantos ramos e galhos e também tantos cipós, boiando à flor d'água ou semi-afogados, subindo e descendo do alto das grandes árvores. Com as ramagens e os troncos, eles formam um emaranhado verde e marrom que parece completamente impenetrável.

Não entendo que seja possível navegar aqui, não há como a canoa atravessar essa malha vegetal tecida de forma tão trançada, fechada e forte. O mundo virgem e selvagem por onde viajávamos adquire, aqui dentro, um toque mais primitivo e fantástico ainda, um mundo molhado, encharcado de chuvas e mistérios, indecifrável ao nosso espanto, impermeável à nossa passagem. A canoa bloqueada estanca, prisioneira dos fios, teias e grades vivas e atentas da mata. Cipós, ramos, troncos, etc. – os braços, mãos, dedos e tentáculos da aranha gigante que é a floresta – imobilizam o barco, não permitindo que ele se mova, para frente ou para trás. Parece que a mata não nos quer aqui e está a dizer que o seu mundo é inacessível a qualquer ousadia de tentar abordá-lo... Até que o filho da própria mata resolve que não: Jeorokat saca seu facão e assistimos ao duelo do homem com a selva – ele começa a furar a fortaleza que parecia inexpugnável, a abrir caminho na barreira intransponível.

E a muralha cede, compreende que é preciso dar passagem a quem é amigo e não ergue seu braço e sua arma senão por necessidade, jamais para destruir ou atacar, apenas para se defender – a mata sente e sabe o índio. É uma cena nunca pensada ou imaginada por mim: o índio da proa vai abrindo picada para nós passarmos com a canoa!!! Mas é isso mesmo, eu me dou conta: nós estamos dentro da floresta, não mais no rio, mas na floresta alagada. Se não houvesse água aqui e nós estivéssemos no chão, no solo, caminhando no fundo de onde agora passamos com a canoa, estaríamos enfrentando uma vegetação igualmente espessa e fechada e, portanto, tendo mesmo que ir abrindo picada por onde passássemos. E me lembro, então, dos filmes sobre expedições e viagens pelas selvas, quando o batedor vai à frente com o facão na mão, abrindo as picadas. É isso o que acontece aqui, só que de canoa, não a pé.

Avançamos, então: agachados, para evitar um cipó mais grosso que pende não sei de que altura até quase tocar a água e que, se desatentos, poderia nos lançar fora da canoa. De olhos e mãos espertos para afastarmos galhos e troncos que tentam nos prensar, para evitarmos folhagens que vêm em direção ao nosso rosto, ao nosso corpo, que nos molham e nos sujam mais ainda. E cuidadosos ao tocarmos e espantarmos insetos estranhos e desconhecidos que caem em nossas roupas, invadem a canoa, que nos incomodam e ameaçam. Eu calculo, observando as árvores e quanto dos seus troncos aparecem acima da água, e tentando tocar o fundo com um galho comprido que boiava por ali – e não conseguindo – que estamos a uns três metros ou mais do chão. Puxa, que enchente essa! Como o Cururu invadiu a mata! Até onde irá esse alagado dentro dela?

Aqui dentro eu posso contribuir, e muito, para a canoa andar, mesmo sem ter remos: a distância entre uma árvore e outra é de um, dois, três metros e, assim, vou “empurrando” as árvores com as mãos e, com isso, ajudando a passagem e o avanço da *kobe* entre elas. Para Kika é difícil ajudar, se não impossível, porque ela viaja no meio do banco, entre Hiwero e eu, não tendo acesso aos troncos. Em certos trechos, apenas um dos índios mantém o remo e todos os demais usam o mesmo expediente: as árvores são tão perto umas das outras que as mãos trabalham melhor e mais ligeiras que os remos, mesmo porque não há espaço suficiente para manejá-los. E, ainda assim, indo mais

devagar, muito mais devagar do que no espaço livre e aberto do leito do rio, certamente vale a pena viajar aqui por dentro – do contrário, por que Tawé viraria o leme nessa direção e entraria na floresta? Esses alagados são atalhos – longos, duros e fechados para se entrar neles, porém mansos por dentro. A correnteza é muitíssimo mais leve e em certos lugares praticamente nula, como se não existisse. Remamos, então, como num lago calmo e cheio de árvores.

Extraído do livro: *Tawé, Nação Munduruku – Uma aventura na Amazônia*
Autor: Walter Andrade Parreira
(Cap.9 – ‘O Rio Cururu’ – pág.151 a 154)